

## Prólogo: Adeus

O CHEIRO DE LAMA E PEDRA MOLHADA pairava no ar. Moscou tivera um período incomum de calor. Já era fim de novembro, mas dentes-de-leão e margaridas irrompiam da terra, alimentados por uma constante garoa perfumada. Os poucos flocos de neve que haviam caído desapareceram rapidamente, deixando reluzentes os paralelepípedos do chão. Enquanto aqueles dias com ares de primavera se prolongavam, parecia que o inverno jamais chegaria.

Mas, finalmente, ele chegou. Em dezembro de 1898, o frio acometeu Moscou como um exército invasor. A neve começava a cair antes mesmo de o dia nascer e continuava assim, sem parar. Logo, uma grossa camada branca cobria a cidade. Trenós, carruagens de madeira que deslizavam pela cidade sobre trilhos metálicos, substituíram os desajeitados veículos sobre rodas na paisagem da cidade. Em apenas um dia, a temperatura caiu mais quinze graus, deixando a então segunda maior cidade da Rússia em um estado típico da estação: cinzenta e gélida.

Naquele dia de dezembro, pouca coisa além do clima estava como de hábito, sobretudo na esquina da rua Pyatnitskaya, logo depois da Ponte de Ferro, um caminho que levava diretamente à Praça Vermelha e ao Kremlin. Desde as oito horas da manhã, multidões se dirigiam ao local, um conhecido centro de convergência da classe mercantil bem-sucedida de Moscou. Homens de negócios abastados chegavam com mulheres elegantes; funcionários do governo e líderes religiosos importantes deixaram para trás outros assuntos urgentes para estar lá. Trabalhadores e camponeses compareceram em bandos, ocupando também a rua que levava à igreja de São João Batista. A multidão era tal que mal se podia andar. Os bondes puxados a cavalo, que normalmente passavam sacolejando pela rua Pyatnitskaya, foram forçados a parar, pois grandes filas de carruagens fúnebres cercavam o quarteirão.<sup>1</sup>

Às nove horas, o sino soou, chamando a atenção da massa. Todos os olhos se voltaram para um majestoso veículo fúnebre equipado com

um dossel de rico brocado prateado.<sup>2</sup> Estava estacionado diante da mais estupenda residência do quarteirão, uma mansão de três andares que era testemunho da beleza arquitetônica que surgia por toda a Rússia. Só o tamanho da casa – com 31 janelas voltadas para a rua – seria suficiente para fazer parar mesmo o mais refinado transeunte. Mas a edificação também se parecia um pouco com um museu. A fachada externa era decorada por entalhes de flores, folhas, leões e águias de duas cabeças. Uma sacada de ferro ornava a extremidade do terceiro andar junto de um magnífico pórtico trabalhado. Na entrada principal, uma elaborada arcada de ferro marcava o majestoso acesso para a casa. Olhando para o ângulo formado na esquina, desde o outro lado do rio Moscou, ela lembrava um pequeno navio de luxo a caminho do mar.

As pesadas portas de madeira se abriram e o arqui-diácono da igreja de São João Batista apareceu, recitando orações em voz baixa. Um grupo que carregava uma tampa de caixão decorada com uma grinalda de flores naturais formou uma fila atrás dele. Em seguida, veio um coro cantando a oração do Santo Deus, seguido de uma dúzia de trabalhadores. Cada um carregava uma almofada com medalhas sagradas e condecorações recebidas pelo falecido ao longo de sua vida extraordinária. Outros anciãos e dignatários da igreja, incluindo dez padres com vestes cintilantes, vinham atrás. Finalmente, surgiu um caixão envolto em um suntuoso tecido de brocado dourado e veludo cor de framboesa.

Era o segundo dia de dezembro, e o eloquente tributo não era para nenhum czar, alto ministro ou líder militar. O homem dentro do grande caixão de carvalho era Piotr Arsênievich Smirnov, possivelmente o mais famoso fabricante de vodca do mundo.

Tal espetáculo em homenagem a um homem como Smirnov seria inconcebível em 1831, quando ele nasceu na casa da família em Kayurovo, uma aldeia agrícola cerca de 270 quilômetros ao norte de Moscou. Seus pais eram pobres, mal sabiam ler e, o mais importante, eram servos, faziam parte da subclasse legalmente prisioneira. Eram essencialmente escravos. Pertenciam aos donos das terras em que viviam e trabalhavam. Tudo o que ganhavam era dividido com os senhores, que tinham controle sobre o que faziam, aonde iam e como sobreviviam.

O passado plebeu, conjugado com a notoriedade que Smirnov alcançou no fim da vida como grande fabricante de bebidas, não era algo que normalmente abrisse caminho para a fama. Além disso, na última década de sua vida, o alcoolismo vinha devastando a sociedade, e os apelos pelo controle da produção de bebidas aumentavam rapidamente. Ainda assim, quando Smirnov morreu, aos 67 anos, de parada cardíaca, os jornais trataram o evento como uma tragédia nacional. As notícias o descreveram como “distinto”, “exemplar” e “um gigante da indústria russa”. Sua morte dividiu a primeira página com os acontecimentos mais importantes do dia: a intenção dos Estados Unidos de vender as Filipinas e o controverso e escandaloso caso Dreyfus. Alfred Dreyfus, um oficial de artilharia judeu, cumpria pena na ilha do Diabo por haver supostamente passado segredos militares aos alemães. Mas seus defensores – entre os quais o escritor Émile Zola, que publicou a célebre carta intitulada “J'accuse” – conseguiram demonstrar que os antissemitas tinham armado uma cilada para ele. Dez meses após a morte de Smirnov, Dreyfus foi perdoado e mais tarde se tornou cavaleiro da Legião de Honra francesa.

De certo modo, Smirnov se parecia muito com Dreyfus: dois enjeitados nascidos em posições que não haviam construído nem escolhido. Dreyfus, um judeu; Smirnov, um servo – ainda assim, nenhum dos dois deixou que a desvantagem dos rótulos ditasse suas escolhas de vida. Smirnov teve que superar tanto o baixíssimo status social quanto a educação muito humilde e rudimentar. Afastada e provinciana, a vida rural provavelmente reservou a um jovem servo como Smirnov tarefas como ajudar a mãe a cuidar dos irmãos mais novos, auxiliar no trabalho com os animais e a plantação, colher frutas e cogumelos selvagens. Mesmo se quisesse, Smirnov não poderia ir à escola, porque não havia nenhuma em sua aldeia. Quando se aventurava a sair de casa, enfrentava uma viagem perigosa, particularmente à noite. Smirnov devia levar consigo bastões metálicos para batê-los em árvores ou uns contra os outros a fim de espantar os lobos selvagens famintos que espreitavam de perto. O jovem Piotr certamente estava melhor em casa cuidando das necessidades mais imediatas da família.<sup>3</sup>

O jovem Smirnov, sempre obediente, fazia o que lhe mandassem. Mas a atitude aparentemente silenciosa e reservada devia esconder uma pessoa

inquieta, frenética por dentro, um cavalo de corrida pronto para a largada. Não era como se soubesse aonde chegaria. Ao contrário, era alguém que fazia de onde estivesse o lugar certo para se estar. Devorava o ambiente que o cercava, transformando eventos e detalhes aparentemente irrelevantes em encontros determinantes para sua vida. Foi assim que chegou à vodca.

NA RÚSSIA, A VODCA FAZIA PARTE DO DIA A DIA tanto quanto a comida e o frio do inverno. Acredita-se que, por volta do ano 1500, monges destilavam a bebida em mosteiros, retiros isolados no alto de montanhas onde experimentos químicos e descobertas científicas eram realizados rotineiramente. Excedentes de grãos tornavam a produção relativamente fácil – e barata. Os monges usavam alambiques primitivos, produzindo uma bebida de tom azul-esverdeado, causado por traços de sulfato de cobre dos tanques de fermentação, e odor pútrido.<sup>4</sup> Naquele tempo, não se consumia vodca simplesmente por prazer; era um produto medicinal. Podia agir como poderoso desinfetante de ferimentos ou como morno bálsamo reconfortante para massagear o peito e as costas. É claro que sua utilização rapidamente se transformou, e a vodca se tornou a bebida preferida dos russos quando os métodos de destilação melhoraram e os aditivos medicinais foram substituídos por aromas doces e temperos saborosos.

Quase do dia para a noite, a vodca, cujo nome vem de *voda*, que significa “água” em russo, tornou-se ponto focal em vários rituais. Uma prática conhecida como “molhar a negociação” a usava para unir membros de comunidades a fim de erguer uma igreja, fazer a colheita ou construir uma ponte. Um trabalho bem-feito significava vodca à vontade para todos. Beber vodca também era o passatempo preferido de Pedro o Grande, que instituiu o “gole punitivo” durante seu reinado, entre 1682 e 1725. Quem chegasse atrasado a uma reunião era supostamente forçado a pagar uma multa ou a tomar uma grande caneca de vodca. Com o passar dos anos, a bebida passou a ser usada como pagamento no lugar de dinheiro, como suborno, ou ainda para encorajar os soldados na frente de batalha. A chamada “bebida da vida” era dada até mesmo a mulheres em trabalho

de parto e a recém-nascidos, quando outros remédios não conseguiam acalmá-los. O governo czarista, que mantinha forte controle sobre a economia da vodca, aprovou e estimulou tais práticas. O consumo elevado era uma forma fácil de encher os cofres do Estado.

Quando Smirnov entrou para o ramo, a bebida já era um hábito nacional estabelecido. Mais do que isso, era um grande negócio, que havia ultrapassado o sal como maior fonte de receita do governo. Os impostos sobre a vodca cobriam um terço das despesas básicas do Estado e ainda geravam o bastante para pagar toda a defesa do país em tempos de paz.<sup>5</sup>

Piotr Smirnov percebeu o quanto a vodca poderia ser poderosa. Seu tio Grigori administrava hotéis e bares em Uglich,<sup>6</sup> uma cidade mais conhecida por ter sido o lar do filho de Ivan o Terrível, no século XVI. Grigori também dirigia uma cervejaria e pelo menos uma adega.<sup>7</sup> Quando menino, Smirnov trabalhou para ele. Lavava louça, esfregava o chão, servia mesas e cuidava do bar. Deve ter observado como os homens bebiam, como as línguas se soltavam e as feições ficavam mais suaves assim que a bebida passava pelos lábios. Ele deve ter percebido então como o mero ato de beber, de engolir, trazia um prazer raro na árdua vida de um camponês russo. E certamente compreendeu que vodca significava dinheiro – um bom dinheiro. Os bares, as estalagens e o negócio do vinho tinham feito de Grigori, originalmente um servo, rico o bastante para comprar a liberdade. Ele tornou-se um homem de negócios bem-sucedido e admirado em sua comunidade, e o jovem Smirnov também desejou aquilo para si – e ainda mais.

Na verdade, Piotr talvez tivesse preferido uma vocação mais claramente digna, menos controversa. Foi um cristão ortodoxo devoto por toda a vida e supostamente se confessava desde os sete anos de idade. Foi colecionador de ícones religiosos e representante de duas catedrais da corte do Kremlin, posições muito respeitadas.<sup>8</sup> Quanto à bebida, pessoalmente não ligava muito para ela. Bebia o mínimo, quase exclusivamente para provar suas próprias invenções, participar de alguma celebração ou não ofender um convidado que estivesse bebendo. Chegava a desprezar bêbados barulhentos que entornavam o pouco dinheiro que tinham e se tornavam incômodos.

Mas esses sentimentos foram silenciosamente postos de lado. Smirnov era, acima de tudo, um oportunista e um capitalista. A bebida era o que conhecia, e ele tirou o melhor proveito disso. Quando Piotr Smirnov morreu, era o maior produtor de vodca do país, dono de uma empresa avaliada em 20 milhões de rublos (o que equivaleria hoje a aproximadamente 265 milhões de dólares).<sup>9</sup> Também era um dos maiores varejistas do ramo na Rússia – o fornecedor do czar e da corte imperial –, e suas garrafas podiam ser vistas nas mesas da realeza desde a Suécia até a Espanha. Sua fortuna pessoal, composta de duas enormes residências, duas casas de veraneio, uma fábrica e várias lojas, armazéns e adegas, chegava a 10 milhões de rublos (aproximadamente 132,7 milhões de dólares). Era um dos homens mais ricos de toda a Rússia.<sup>10</sup> Em 1886, chegou a receber uma das distinções mais difíceis de alcançar, o título de cidadão honorário hereditário, uma realização extraordinária para um ex-servo e uma honraria concedida apenas aos cidadãos mais merecedores.

Por certo foi uma vida inesperada, construída sobre pura determinação e uma inquebrantável noção de objetivo. Smirnov, um homem alto e vistoso, de presença imponente, nunca foi de se contentar com a monotonia que domina a vida da maioria das pessoas. Bastava dizer que algo não podia ser feito e ele o faria duas vezes só para ter razão. Era uma qualidade que inspirava medo em alguns e admiração em outros. Não importa como isso afetasse as pessoas a seu redor, todos sabiam que estavam na presença de um homem que não se deixaria deter por qualquer obstáculo.

Talvez por isso tanta gente tenha aparecido naquele amargo dia de dezembro para assistir, no frio, ao cortejo fúnebre. A multidão solene vestida de preto seguiu a lenta procissão, fazendo ruídos ao pisotear a neve que acabara de cair. A igreja de São João Batista, um dos locais de culto mais antigos da Rússia, nunca esteve tão bonita. O campanário em três níveis se elevava acima dos demais prédios daquele trecho da rua Pyatnitskaya e serviu de ponto de referência aos que passaram por lá naquele dia. Plantas tropicais e flores de cores vibrantes emolduravam os dois lados da igreja; uma passagem diante da entrada foi revestida de tecido negro. No comando da cerimônia estava o mais graduado membro do clero russo, o prelado metropolitano Vladimir, que presidia eventos

oficiais para os czares. O simples fato de ele estar lá não deixava dúvidas sobre a importância da morte de Smirnov. Velas iluminavam o caminho até a plataforma erguida na igreja, onde jazia o corpo. Coroas de flores de prata de lei decoravam o caixão. Em uma delas, a de seus três filhos mais velhos, lia-se: “Ao inesquecível pai, de seus filhos que o amam de coração, Piotr, Nikolai e Vladimir Smirnov.” Outra, da mulher, dizia: “A um marido querido e inesquecível, de sua mulher que o ama.”<sup>11</sup> Outras coroas de amigos, funcionários e admiradores também se empilhavam sobre o caixão.

O frio tinha chegado sorrateiramente à igreja, mas aqueles que conseguiram passar pela porta nem notaram. O calor dos corpos e da respiração aquecia o ambiente, especialmente depois que as vozes do coral ficaram mais altas. A liturgia durou duas horas inteiras, seguidas de mais uma hora da cerimônia do enterro.

A longa viagem ao local do descanso final de Smirnov começou quando o caixão foi carregado em uma carreta luxuosamente decorada. Três carroças repletas de coroas vieram atrás, seguidas imediatamente pelo carro fúnebre. Então, umas 400 carruagens fizeram fila para percorrer os seis quilômetros até o cemitério. Os plebeus foram a pé, passando pela Ponte de Ferro, depois pelo Kremlin e pela Praça Vermelha. Quando chegaram a seu destino, eram três da tarde. A luz do dia duraria apenas mais 28 minutos.

O corpo de Smirnov baixou à terra pouco antes de escurecer. Foi coberto de pedras e terra fresca. Uma simples cruz de metal foi erigida, e estava acabado. Ou não? Smirnov não era homem de deixar seu destino final entregue ao acaso. Havia pedido por escrito que orações fossem feitas em pelo menos 40 igrejas durante 40 dias após sua morte. Acreditava, seguindo a doutrina ortodoxa russa, que esse era o tempo necessário para determinar se sua alma estaria destinada ao céu ou ao inferno. Havia instruído os seus a rezarem para que ele tivesse os pecados perdoados e pudesse encontrar um lugar no paraíso.

Smirnov teria medo do que a vida após a morte lhe reservara? Não é difícil imaginar. Mais de uma década antes de morrer, o estigma relacio-

nado ao álcool – e ao alcoolismo – tornou-se mais intenso. O tema era debatido havia muitos anos. Algumas entidades a favor da temperança foram fundadas. Escritores retrataram em seus livros beberrões imundos, sempre almas perdidas e fracas que inspiravam piedade e causavam destruição. Fiódor Dostoievski, por exemplo, cujo próprio pai fora um bêbado cruel, escreveu apaixonadamente sobre os perigos do alcoolismo: “O consumo de bebidas alcoólicas brutaliza o homem e o transforma em um selvagem, endurece-o, desvia-o de pensamentos bons, embota toda a boa propaganda e, acima de tudo, enfraquece sua vontade e, no geral, retira-lhe qualquer tipo de humanidade.”<sup>12</sup> Esses discursos eloquentes eram certamente provocativos, mas não inspiravam qualquer reação nem davam a ninguém motivo suficiente para enfrentar um governo viciado na torrente anual de dinheiro trazido pela vodca.

No auge da popularidade de Smirnov, nos anos 1880, o movimento de combate ao álcool começou a progredir lentamente na Rússia. Surgiram novas organizações que pregavam a sobriedade. Livros descreviam os efeitos prejudiciais do álcool. Escritores, médicos e o clero adotaram a causa. Além da informação básica sobre saúde, líderes da temperança também tinham como argumento a seu favor o lado triste da indústria da vodca. Naquela época, havia centenas de destiladores desonestos e donos de taberna corruptos na Rússia. Pouco ligavam para a qualidade de sua lavagem suja e amarga, geralmente diluída em água, limão ou sândalo. Houve casos até de envenenamento de bebedores azarados.

Tudo que importava para esses produtores degenerados era a quantidade. O principal objetivo era juntar tantos rublos quanto possível. Atacavam uns aos outros e enfrentavam grandes produtores como Smirnov, Popov e Shustov. Vendiam vodca adulterada, incluindo a de Smirnov. Alguns rivais chegavam a contratar cientistas para testar a vodca feita por grandes destiladores e então a declaravam estragada ou impura.

O estoico Smirnov se enfureceu. Tinha passado a vida cultivando uma imagem de respeito e moralidade acima de qualquer suspeita. Contra-atacou com anúncios de página inteira que defendiam sua vodca e atacavam seus críticos. Criou rolhas personalizadas na esperança de derrubar os rivais. As batalhas e as medidas defensivas de Smirnov atraíram a atenção



de muitos observadores, mas, para o famoso dramaturgo Anton Tchekhov, tudo isso era repugnante, um exemplo do que havia de pior na Rússia. Muito antes de escrever *Tio Vânia* e *O jardim das cerejeiras*, Tchekhov, médico por formação, escreveu uma crônica em 1885 sobre o que chamou de “guerra” entre produtores de vodca. Descreveu os vendedores do “sangue do diabo”, os vis fabricantes de vodca que, um dia, previa, iriam se destruir mutuamente. Em sua coluna na revista *Estilhaços*, de São Petersburgo, Tchekhov apontou Smirnov como um dos principais vilões. “Cada inimigo, tentando mostrar que a vodca dos concorrentes não tem valor, lança torpedos sobre os demais, arrasa-os e os exaspera com política. Vale qualquer coisa para jogar pimenta nos olhos do inimigo adormecido ... Com toda a probabilidade, a guerra terminará com os fabricantes trocando tapas e processos judiciais. As aranhas em luta comem umas às outras, de modo que, no fim, sobram apenas as pernas.”<sup>13</sup>

Essas ataques verbais públicos exerceram grande pressão sobre o governo do czar, que finalmente reconheceu que algo tinha que ser feito. Em 1886, uma lei foi aprovada tornando criminosos os empregadores que persistissem com a popular prática de substituir os salários por vodca ou outro produto. Todos os trabalhadores tinham que receber em dinheiro. Os bares foram banidos. As leis, entretanto, pouco adiantaram para tornar mais sóbria a população – ou os locais de trabalho. Mas serviram para alentar cruzadas antiálcool, a mais célebre das quais foi a do conde Lev Nikolaievich Tolstoi.

Quando jovem, Tolstoi havia sido um bêbado de primeira, a despeito de sua natureza um tanto atrapalhada e reservada. Passou quase todo o início da idade adulta no coração de uma guerra que não fazia o menor sentido para ele. Então, ocultava suas dúvidas sob uma montanha de cigarros, mulheres à toa e jogatina. Nunca foi um bebedor inveterado, mas achava que tomar uns goles o ajudava a enfrentar situações em que, de outra maneira, jamais ousaria se meter. Depois de uma crise religiosa que sucedeu o grande sucesso de *Anna Kariênina*, Tolstoi revelou com horror suas transgressões em *Confissão*, um tomo moralista publicado pela primeira vez em 1879. “Matei pessoas na guerra; desafiei outras para duelos a fim de matá-las; joguei cartas; devorei os frutos do trabalho dos campo-

neses e os puni; forniquei e enganei. Mentiras, roubos, promiscuidades de todos os tipos, embriaguez, violência, assassinato – não há um único crime que eu não tenha cometido.”<sup>14</sup>

Agora Tolstoi se dedicava a pregar a abstinência. Sua reputação fez com que atingisse um grande número de pessoas. Durante três décadas, escreveu regularmente sobre os perigos do álcool, que considerava a raiz de todo mal. Em uma comédia de 1886 intitulada *O primeiro destilador*, por exemplo, Tolstoi inventou um novo drinque feito com vodca. Os ingredientes: sangue de raposa, de lobo e de porco. Também fundou uma editora para disseminar literatura moralista e convocou o famoso artista Ilya Repin, seu amigo, para ilustrar alguns de seus textos. Em 1887, criou a Liga Contra a Embriaguez, uma entidade popular de defesa da temperança.

Certa manhã do mesmo ano, Tolstoi reuniu as pessoas de sua aldeia, Yasnaya Polyana. Uma mesa e um banco foram colocados em frente à casa comunitária, perto de sua propriedade. Tolstoi puxou um pedaço de papel do bolso e o colocou sobre a mesa, ao lado de um frasco de tinta e uma pena. Então falou apaixonadamente sobre as pragas do tabaco e da vodca e, finalmente, rogou que cada homem presente assinasse o papel, uma garantia de que não beberiam mais. Depois que o fizeram – muitos sob as súplicas da mulher e dos filhos –, Tolstoi lhes pediu que cavassem uma vala, e esta foi rapidamente preenchida com cigarros, potes de tabaco, cachimbos e caixas de charutos.<sup>15</sup>

Sem dúvida, Smirnov sabia da campanha de alto nível conduzida por Tolstoi, e provavelmente se ressentia de ver o trabalho de sua vida inteira caracterizado como amoral e anticristão. Afinal de contas, via-se de modo exatamente oposto. Ascendera de um homem de recursos modestos a um respeitado figurão do mundo dos negócios, o orgulhoso patriarca de um império que dava emprego a cinco mil russos e gerava milhões de rublos para o tesouro do czar.<sup>16</sup> Além disso tudo, acreditava ter convertido a vodca em uma espécie de arte. Importava-se profundamente com a qualidade e a pureza de suas fórmulas imaculadas e afirmava que seus ingredientes eram os melhores, e suas vodcas, as de maior excelência.

No fim, a vodca realmente acabou levando a culpa. Alexandre III já não podia mais ignorar o problema do alcoolismo em seu país. Em 1895, três anos antes da morte de Smirnov, o czar estabeleceu o monopólio estatal da vodca a fim de controlar a quantidade e assegurar a qualidade do álcool vendido ao público. Depois disso, somente lojas do governo poderiam vender a bebida, um duro golpe para fabricantes independentes como Smirnov. Sua empresa conseguiu se manter rentável, trocando grande parte da produção pela de outros itens e por bebidas como vinho e conhaque. Mas a produção despencou para uma fração do que havia sido antes do monopólio. As 200 carretas puxadas a cavalo não levavam mais os tonéis da ferrovia até os armazéns. A fábrica já não podia produzir sua bebida mais famosa, o Vinho de Mesa nº 21 (vodca), e uma série de outras receitas originais.

À medida que surgiam sinais de um ambiente empresarial mais traiçoeiro, a saúde de Smirnov ficava mais precária. Ele começou a se preparar para a morte. Seu objetivo era fazer um testamento que não pudesse ser contestado. Não queria qualquer tipo de ambiguidade sobre seu desejo. De fato, havia motivo para se preocupar. Tivera três mulheres durante a vida, apenas uma das quais estava viva, e dez filhos que sobreviveram. Sua família funcionava como uma roda: Smirnov era o ponto central que mantinha os raios conectados, sempre a uma distância razoável, manuseável. Como tantos outros nascidos em berço de ouro, alguns dos filhos eram indiferentes a trabalho, responsabilidade e moralidade. Dois deles, Nikolai e Vladimir, eram notórios playboys. Jogavam excessivamente e gastavam dinheiro com indiferença, para o delírio dos donos das lojas mais grã-finas de Moscou.

O filho mais velho de Smirnov, Piotr, era mais ligado aos negócios. Mas suas ideias para a administração do império da vodca deviam ser bem diferentes das dos irmãos e da madrasta, a terceira mulher de Smirnov, Mariya Nikolaiévna Smirnova. Bela e bem-educada, Mariya, 27 anos mais nova que o marido, interessava-se pouco pelo futuro dos filhos mais velhos de Smirnov, que já eram adultos.<sup>17</sup> Mantinha o foco sobretudo em Vladimir e em seus dois filhos mais novos, Sergei e Aleksei, que tinham respectivamente 13 e nove anos quando o pai morreu. Os cismas na família

provavelmente preocupavam Smirnov, que acreditava que, sem sua presença para mantê-la unida, ela podia se desintegrar, derrubando consigo seu legado e seu império.

Nos dias seguintes ao funeral de Smirnov, esse medo parecia prestes a se tornar realidade. Começaram a fermentar as brigas sobre como gerenciar a empresa, quem deveria assumi-la e como distribuir os não poucos recursos deixados por Smirnov. As cinco filhas dele não tomaram parte na discussão, já que a cada uma coube o valor fixo de 30 mil rublos (quase 400 mil dólares). O restante dos bens deveria ser dividido igualmente entre Mariya e os meninos.<sup>18</sup>

Piotr Arsênievich Smirnov estava morto. Uma calmaria envolveu Moscou no fim daquela fria quarta-feira de 1898. Após a cerimônia fúnebre, mais de mil pessoas entre as mais pobres que haviam comparecido ao funeral foram agraciadas com um jantar gratuito oferecido pelos Smirnov e seus amigos. Foi um gesto grandioso, um civismo que logo seria substituído por inveja, raiva, ressentimento e, finalmente, o caos.